

QUEM DANÇA A DANÇA?

DANIELA RICARTE¹; MARISTANI ZAMPERETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – dan.ricarte@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar brevemente o projeto de pesquisa que se almeja realizar no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, mais especificamente na linha de Formação de Professores: ensino, processos e práticas educativas.

Tal estudo ocorrerá junto as Licenciaturas em Dança do RS e tem como questão principal: qual a concepção de corpo para dança? Objetiva-se, portanto, investigar questões tangentes à prática da dança como:

- há corpos certos para a dança?
- ou, determinados corpos para determinadas danças?
- ou ainda, estereótipos necessários para a prática da dança?
- ou mesmo a cena, espaço privilegiado de alguns corpos?

A dança é manifestação cultural, social, artística, envolve movimento, sentimento, expressão, emoções, linguagem, historicidade, comunicação e muitos outros elementos sendo bastante difícil atribuir um único conceito a uma expressão tão complexa (ANDREOLI, 2010; OSSONA, 1988).

Uma das especificidades da dança se refere à formação dos professores, podendo esta acontecer tanto nos espaços formais (universidade), quanto nos espaços não-formais (academias). Isto se relaciona com a área de atuação futura, por exemplo: é reservado apenas aos licenciados em dança a atuação junto às escolas de ensino básico; sendo que o mesmo não acontece nas academias de dança.

Contudo, acredito que olhar para as licenciaturas nos dará um bom panorama no que se concebe e reproduz como alicerce para o ensino e prática da dança, especialmente embasada na premissa que as licenciaturas em dança, embora priorizem a formação para atuação na escola também preveem a atuação nos espaços não-formais de ensino e, portanto, exercem influência em ambos.

Entendo formação de professores a partir do que conceitua GARCIA (1999):

A Formação de Professores é a área de conhecimentos, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais professores – em formação ou em exercício – se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem. (GARCIA, 1999. p. 26)

Assim, ao olhar as concepções imbricadas nas licenciaturas poderemos perceber a partir de que bases se dão/darão as interferências no ensino de dança.

Corroborada por LE BRETON (2012) afirmo que existir no mundo é existir corporalmente, e desse modo, ao olharmos para os corpos, olhamos também para os sujeitos e as inumeráveis “maneiras de portar seu corpo, de se apresentar aos

outros, de se mover, de se orientar segundo a posição ocupada no espaço social.” (DANTAS, 2011, p. 7-8).

2. METODOLOGIA

Para alcançar as concepções contidas em cada curso pretende-se acessar os projetos pedagógicos que regem cada licenciatura; aplicar questionários com os acadêmicos do curso, a princípio formandos e ingressantes; e realizar entrevistas com os coordenadores de curso.

Para melhor dimensionar esta pesquisa contextualizo que são 5 (cinco) as licenciaturas no Rio Grande do Sul, a saber: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – em Montenegro; Universidade Federal de Santa Maria – em Santa Maria; Universidade Federal do Rio Grande do Sul – em Porto Alegre, Universidade Federal de Pelotas – em Pelotas e Universidade Luterana do Brasil – em Canoas.

Destaco que esta pesquisa alinha-se aos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, de tal forma que pretende produzir dados sob esta ótica. Além disso, aponto como procedimentos metodológicos, inicialmente, a Análise de Discurso.

Por análise de discurso falamos daquilo que “não está inteiramente visível nem inteiramente oculto” (FISCHER, 2011, p. 204), o alvo é interrogar a linguagem, encontrar os ditos, multiplicar as relações, situar as “coisas ditas” em campos discursivos, extrair delas alguns enunciados e colocá-los em relação a outros, do mesmo campo ou em campos distintos. (...) É perguntar por que isso é dito aqui, deste modo, nesta situação e não em outro tempo e lugar, de forma diferente? (FISCHER, 2011. p. 205).

A análise de discurso recusa-se a busca por um sentido único, oculto das coisas, enxergar os discursos como que carregando um significado “oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de “reais” intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis” (FISCHER, 2011. p.198); a busca/análise que se dá é pelas coisas existentes, ditas, buscando entender como se instaurou, emergiu e reproduz determinado discurso.

Meu olhar será de alguém que cartógrafa, na perspectiva que apontam Costa (2014) e ROLNIK (2006), de enxergar territórios e desterritorializar, territórios afetivos, estéticos, sociais, enfim, subjetividades:

É preciso que o próprio cartógrafo esteja em movimento, afetando e sendo afetado por aquilo que cartografa. O cartógrafo cartografa sempre o processo, nunca o fim. Até porque o fim nunca é na realidade o fim. O que chamamos de final é sempre um fim para algo que continua de uma outra forma. Se não conseguimos enxergar movimento é porque alguma coisa está impedindo, e lançar o olhar para isto é também função do cartógrafo. A cartografia é, desde o começo, puro movimento (COSTA, 2014, p. 69)

Por esse viés, cartografar é se colocar disponível, atento, afetar, ser afetado, corporizar, ouvir, “realizar a vontade de expandir os afetos, de navegar com o movimento e de devorar os estrangeiros para, através das misturas, compor as cartografias que se fazem necessárias.” (ROLNIK, 2006, p. 232)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ainda no início, no exercício de delimitar, escolher, criar, trago algumas reflexões do que acredito incitar a pesquisa e movimentar as descobertas no campo.

Na história, o corpo que dança, foi relacionado à imagem de ereto, lânguido, jovem, delineado, etéreo, perfeito (NUNES, 2004/2005, p. 48); contudo a partir do século XX este conceito seletivo de um corpo específico para dança, é colocado em dúvida, abrindo e possibilitando a inserção gradual de diferentes corpos – deficientes, velhos, inexperientes – “se o corpo na dança pode ser homogeneizado pela escolha de padrões estéticos (por exemplo: longilíneo, flexível, magro, forte, virtuoso), também se podem criar estéticas novas e diversas.” (VENDRAMIN, 2013, p. 1).

Para RODRIGUES (1975) o corpo, ou o entendimento de, (por seu caráter simbólico e contextual) varia de sociedade para sociedade, de tal forma que a relação sujeito-sociedade determina comportamentos, normas, paradigmas:

A cultura dita normas em relação ao corpo; normas a que o indivíduo tenderá, à custa de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto de estes padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais quanto o desenvolvimento de seres vivos, a sucessão das estações ou o movimento do nascer e do pôr-do-sol. (...) Ao corpo se aplicam, portanto, crenças e sentimentos que estão na base da nossa vida social e que, ao mesmo tempo, não estão subordinados diretamente ao corpo. (RODRIGUES, 1975, p. 45-46).

Tanto a dança, quanto o próprio corpo quando na cena, operam formas de representação da sociedade, dos corpos, dos sentimentos, “movimentos e gestos em dança permitem formular impressões, conceber e representar experiências, projetar valores, sentidos e significados, revelar sentimentos, sensações e emoções.” (DANTAS, 1999, p. 17).

Se na contemporaneidade, em especial na arte, nos deparamos constantemente com a revisão e a quebra de paradigmas daquele corpo clássico, completo e perfeito (NUNES, 2004/2005), qual será a visão representada na formação de professores em dança.

A intenção desta pesquisa é, portanto, investigar dentro das licenciaturas rio-grandenses em dança, qual a concepção de corpo, nesse amplo entendimento, que dança/pode dançar

4. CONCLUSÕES

Mais do que concluir, finalizar, considerando ser esta escrita, apenas, o primeiro passo em cena, ou um primeiro movimento público da pesquisa; desenho aqui não já traçadas linhas, mas linhas ainda a serem feitas, desenhadas, construídas, analisadas, linhas que querem responder, talvez de forma esmaecida, a que cabe uma dissertação, afinal *quem dança a Dança?*

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 15, n. 1, p. 107-118, jan/abr. 2010.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, maio/ago. 2014.

DANTAS, M. F. **Dança**: o enigma do movimento. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

DANTAS, M. F. O corpo dançante, entre a teoria e a experiência: estudo dos processos de realização coreográfica de duas companhias de dança contemporânea. **Do Corpo**: ciências e artes, Caxias do Sul, v. 1, n. 1, p. 112-172, 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/docorpo/issue/view/90/showToc> Acesso em 4 set. 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, nov. 2011.

GARCIA, C. M. **Formação de Professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto, 1999.

LE BRETON, D. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

NUNES, Sandra Meyer. Fazer Dança e Fazer com Dança: perspectivas estéticas pra os corpos especiais que dançam. **Ponto de Vista**. Florianópolis, n. 6/7, p. 43-56, 2004/2005.

OSSONA, Paulina. **A Educação pela Dança**. São Paulo: Summus, 1988.

RODRIGUES, J. C. **O Tabu do Corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

VENDRAMIN, C. Diversas Danças – Diversos Corpos: discursos e práticas da dança no singular e no plural. **Do Corpo**: ciências e artes, Caxias do Sul, v. 1, n. 3, p. 1-18, 2013. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/docorpo/issue/view/153/showToc> Acesso em 4 set. 2018.